

RESUMO

É Noite de Gira na Casa de Ogum celebra a Umbanda como expressão legítima da espiritualidade brasileira, viva, contemporânea e profundamente enraizada na experiência do nosso povo.

É um canto de respeito, beleza e reconhecimento a uma fé forjada na diversidade, que traduz em rito o lastro histórico da própria formação do país: a convivência entre a fé cristã popular, a sabedoria indígena, a ancestralidade africana e conceitos do Espiritismo. Mais do que uma religião sincrética, a Umbanda é uma experiência viva que se manifesta na caridade, no acolhimento e na relação direta entre o humano e o sagrado.

Este enredo propõe algo além de narrar a Umbanda como tema: a ideia é vivenciá-la. O desfile se estrutura como uma gira, rito central da Umbanda. Assim como na gira, nada é aleatório. Cada setor do desfile corresponde a um momento ritual preciso: a preparação do terreiro, as preces iniciais, a defumação que limpa e harmoniza, a firmeza que sustenta o trabalho, a atuação das falanges que acolhem e orientam, a irradiação das linhas que elevam e equilibram, e, por fim, o fechamento que devolve o axé à vida cotidiana.

O início traz ações que precedem a abertura da gira: a preparação do terreiro, a varrição das energias, o acender das velas, o organizar das imagens no congá, as preces iniciais, os pontos riscados e a defumação do terreiro.

Com o ambiente preparado, os ogãs iniciam a batida dos atabaques, conectando ayê e orum, invocando as entidades que vão incorporar. Então, se manifestam Pretos Velhos, Caboclos, Baianos, Ciganos, Erês, Marinheiros e Boiadeiros pela direita; e malandros, exus e pombagiras pela esquerda.

No terceiro momento, vivenciamos as vibrações das sete linhas que atuam em nossa casa e toda sua representatividade. Estamos falando da Linha de Oxalá, de Nanã e Omulu, de Oxóssi, de Xangô e Iansã, de Oxum, de Iemanjá e de Ogum.

Ao final, fechamos nossa gira e mostramos o axé que segue girando em nossas vidas: que anda com o povo, nos apetrechos e objetos de fé; que se manifesta na cultura afrobrasileira; que nos leva ao caminho da luz. Afinal, somos almas em busca da evolução e caminhamos em cortejo à Aruanda sob a condução de Oxalá, a quem pertence a centelha divina da criação, a guarda da jornada evolutiva e a purificação espiritual para que possamos retornar à unidade divina. O encerramento, sob a luz de Oxalá, reafirma um dos fundamentos mais elevados da Umbanda: a vida como caminho contínuo de aprendizado e retorno à luz divina.

Ao optar por essa construção, o enredo não se propõe a explicar doutrinas, contar a história da religião e nem a didatizar conceitos religiosos. Ele respeita a natureza da Umbanda, que se transmite mais pelo gesto, pelo canto, pela experiência, pelo movimento, pelo corpo e pela ética. Assim, o desfile assume a linguagem do rito: circular, progressiva, coletiva e profundamente humana.

Saravá!

MONTAGEM

ABERTURA:

- Preparação do Terreiro
- Preces Iniciais
- Defumação

INCORPORAÇÃO DAS ENTIDADES

- Pretos-Velhos
- Caboclos
- Ciganos
- Baianos
- Erês
- Marinheiros
- Boiadeiros
- Pombagiras, Malandros e Exus

IRRADIAÇÃO DAS ENERGIAS DAS LINHAS

- Linha de Oxalá
- Linha de Nanã e Omulu
- Linha de Oxóssi
- Linha de Xangô e Iansã
- Linha de Oxum
- Linha de Iemanjá
- Linha de Ogum

O AXÉ QUE SEGUE GIRANDO APÓS A GIRA

- Axé que Caminha com o Povo
- Axé que se Manifesta na Cultura
- Axé que Leva à Luz (amor, caridade, a prática do bem)
- Oxalá como símbolo do ciclo "Princípio, Caminho e Retorno" percorrido pelas almas em evolução (cortejo a Aruanda).